

A criança surda na educação infantil: aquisição de língua, cultura e identidade.

Ana Laura Camilo Carriel Leite

Graduação em Licenciatura em Pedagogia; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP, Campus Sorocaba; Estado de São Paulo.

Me. Ayla Lizandra Campos de Vasconcellos

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP, Campus Sorocaba; Estado de São Paulo.

Resumo

O reconhecimento da Libras como língua em 24 de abril de 2002 pela Lei 10.436, foi um marco importante para o povo surdo. Mais adiante, em 2005, ocorreu a regulamentação desta Lei e providências acerca da inclusão da Libras em várias áreas e a estruturação da educação dos surdos, dentre outras providências com a criação do Decreto 5.626. Amparados por essas legislações, pela Constituição Federal de 88 e outros documentos existentes referentes à educação inclusiva e a educação bilíngue para surdos e seus direitos, refletiremos sobre a Educação Infantil da criança surda. Para tanto, partiremos do objetivo geral da pesquisa, a saber: realizar análises sobre os efeitos do ambiente escolar na educação infantil no cenário em que a criança surda está inserida e, doravante os pensamentos elencados nas fundamentações teóricas, observar aspectos culturais e de identidade surda diante de suas representações na comunidade surda, sua aquisição de língua, bem como realizar discussões no que se refere à comunidade surda e a educação bilíngue, tendo como base os materiais de análise. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa com fundamentação teórica, onde serão contemplados autores sócio-culturais e trazem aspectos da educação infantil, autores surdos e relatos de experiências publicados nessas obras. Não pretendemos analisar apenas os ambientes escolares e sim os atos desenvolvidos diante de relações sócio-histórico-culturais que se apresentarem nesses espaços e seus impactos diante da vida e formação do indivíduo.

Palavras-Chave: Língua, cultura, criança surda.

1. INTRODUÇÃO

Para destacar a relevância do assunto a ser abordado nesta pesquisa, é fundamental indiciar os autores e obras que serão utilizados como base para as reflexões realizadas no presente trabalho. Como ponto de partida, este trabalho se embasa nos conceitos de educação infantil e formação de sujeito segundo o autor russo Lev Vygotsky através de suas obras. Para tanto, consideram-se conceituações e reflexões sobre diversos aspectos durante nosso estudo, como a afirmação de que a linguagem tem como principal finalidade a comunicação social.

Nesse sentido, uma vez que a língua materna do surdo é a Língua de Sinais, no caso do Brasil, a Libras, conforme podemos observar no Art. 1º e Parágrafo único da Lei 10.436:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2005)

Sendo assim, amparados pela Lei apresentada, a Língua Brasileira de Sinais - Libras é o meio de comunicação que precisa existir nesse ambiente, de outro modo, o educando surdo encontrará grandes obstáculos como a falta de comunicação com seus colegas e/ou agentes escolares. Logo, o seu desenvolvimento social e o interesse de aprendizado de sua língua materna serão prejudicados, ocasionando uma defasagem futura inclusive na aquisição de sua segunda língua (L2) que, no Brasil, segundo o Decreto 5.626, Parágrafo 2, capítulo IV deve ser ofertada: “[...] obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos”. (2005, p. 02)

Outrossim, para complementar o embasamento teórico e refletir acerca de conceitos sobre a comunidade/povo surdo, apropria-se neste trabalho de pesquisas desenvolvidas por autoras consideradas referência na área de educação de surdos. Dessa maneira, as autoras surdas Kárin Strobel (2009), Gládis Perlin e Marianne Stumpf (2012) contribuirão com suas reflexões sobre as constituições de cultura e identidade surda. Ademais, a autora CODA (filha ouvinte de pais surdos) Quadros (1997) e a autora Lacerda (2013, 2009) que abordam questões relacionadas à educação bilíngue dos surdos também colaborarão com suas pesquisas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa com objetivos exploratórios e, por

isso, contém referências teóricas tão relevantes para a área e que servirão de base para as análises realizadas nos capítulos posteriores.

Nos apoiaremos, ainda, nas legislações vigentes em nosso país, como: Constituição Federal de 1988, Política Nacional de Educação Especial, LDB 9.394/96, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, Decreto nº 5.296/04, Lei nº 10.048/00, Lei nº 10.098/00, Lei nº 10.436/2002 e Lei nº 5.626/05 para argumentar sobre os direitos assegurados aos surdos e refletir quanto às contradições aplicadas atualmente.

A partir da articulação deste embasamento teórico serão realizadas reflexões que advêm do objetivo geral do trabalho, a saber: realizar análises sobre os efeitos do ambiente escolar na educação infantil no cenário em que a criança surda está inserida e, doravante os pensamentos elencados nas fundamentações teóricas, observar aspectos culturais e de identidade surda diante de suas representações na comunidade surda, sua aquisição de língua, bem como realizar discussões no que se refere à comunidade surda e a educação bilíngue, tendo como base os materiais de análise. Sendo assim, todos os aspectos apontados no objetivo geral subsidiarão as ponderações realizadas no decorrer do estudo proposto.

Acerca do material de análise deste trabalho, esclarecemos que o mesmo constitui-se por: relatos de experiências publicados nas obras dos autores surdos citados neste trabalho, vivências da comunidade surda em forma de vídeos compartilhados em determinadas redes sociais..

A pesquisa nesta área se torna fundamental, uma vez que, como mencionado por Lacerda:

[...] a criação de uma forma de trabalho especificamente voltada para as características dos sujeitos surdos é rara. Com frequência, o que se observa são adaptações, muitas vezes veladas, das práticas pedagógicas tradicionais, onde se espera que os surdos aprendam praticamente da mesma maneira que os ouvintes. No entanto, é notório que os sujeitos surdos não adquirem conhecimentos, tanto pedagógicos quanto gerais, da mesma maneira que os sujeitos ouvintes.(2013, p. 186)

Portanto, este trabalho visa apresentar alternativas para compreender como ocorrem esses processos de aprendizagem e destacar a importância em oferecer abordagens adequadas nos ambientes escolares.

Por fim, os resultados esperados para esta pesquisa são: a compreensão da sociedade em relação à importância das vivências da criança surda com o povo surdo, principalmente durante sua infância, assim como, espera-se que, ao proporcionar referência e representatividade, comprovar e demonstrar como esse processo contribui para a aquisição de

língua, cultura e identidade. Tudo isso, a partir da referência surda para a criança que auxiliará tanto em seu processo de formação, quanto no aspecto pedagógico no que se refere à sua formação como sujeito ativo na sociedade.

Para finalizar, é importante apontar que o termo “linguagem”, adotado por alguns autores, não se refere apenas ao meio de comunicação utilizado, mas sim aos modos possíveis de se expressar, logo, enfatizamos que as obras escritas por esses autores são de anos anteriores à oficialização da Libras como língua. Acrescentamos que foi a luta da comunidade surda por anos a fio que resultou no reconhecimento da Libras como sua língua materna mediante a criação da Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002 e posteriormente do Decreto 5.626 em 22 de dezembro de 2005. Diante disso, acreditamos ser notório esclarecer sobre tais conceitos, visto que os autores surdos utilizam o termo “língua” e não “linguagem” para se referir a Libras porque afirmam que Libras é uma língua visual-espacial que possui aspectos gramaticais, regras linguísticas e toda estrutura que a eleva ao *status* de língua.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Baseados no preceito de Vygotsky (1984, p.99) que afirma: “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”, destarte, entende-se que a linguagem nos permite expressar visões e leituras de mundo dentro da sociedade. No caso do surdo, que se apropria da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como sua língua materna (L1) e a utiliza como meio de comunicação legal (BRASIL, 2002), segundo o autor, tais signos, mesmo distintos um dos outros, são a base para formação e transformação do ser humano. Sendo assim, conforme eles têm acesso a estes signos, tornam-se sujeitos ativos dentro da sociedade.

Sabe-se que comunicação é a ferramenta fundamental para aquisição de conhecimentos tais como a fala e a cultura. Entretanto, para Vygotsky, a comunicação vai além disso, pois é por meio da linguagem que se oportuniza a formação do pensamento do ser humano e do qual os sujeitos produzem relações e significados, adquirindo conceitos, desenvolvimento e novas formações. Para tanto, Vygotsky (1984, p.58) declara que: “A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos.” Ou seja, é a partir da interação entre o ser humano e mundo ao seu redor que se estabelece uma relação intrínseca entre linguagem e pensamento humano.

À vista disso, o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança, pois, a linguagem também é um meio de interação social e, portanto, possui um papel importantíssimo na constituição do sujeito. Sendo assim, destaca-se a relevância dela como via de mediação entre comunicação e compartilhamento de culturas no meio inserido. Do mesmo modo, evidencia-se que o ambiente escolar é o local onde a socialização é mais trabalhada, para além disso, o desenvolvimento da criança é exercido para constituir a base de formação do sujeito.

Dessa forma, a linguagem torna-se uma ferramenta tanto para a comunicação como para a construção de pensamento e promover a fala, o diálogo e o pensamento crítico são essenciais para a formação do sujeito. O mesmo autor enfatiza que as interações sociais, as experiências educacionais na primeira infância são as que podem direcionar e moldar o desenvolvimento cognitivo da criança. Além de ser formador de cultura e identidade, tornando-o um sujeito ativo socialmente. Já o incentivo de atividades para proporcionar esse desenvolvimento compreendem práticas comuns na educação infantil e compõem a base de formação do ser humano.

Para além disso, atentando ao pensamento cultural, reforça-se que a língua é o intermédio para a aquisição desse conhecimento, ou seja, na perspectiva sociocultural, a linguagem é a principal aliada como fonte de pensamento do ser humano, reconhecendo que o sujeito não é meramente um receptor passivo de culturas e ideias, mas também interlocutor ativo dentro do contexto. Corroborando com o pensamento de Vygotsky, Lacerda & Lodi (2009, p.13) afirmam que:

A linguagem desempenha um papel central na constituição dos sujeitos, uma vez que os indivíduos se constituem por meio da interação com as formas culturais da atividade, em um processo de transformações qualitativas de seus modos de agir e pensar.

A perspectiva apresentada pelas autoras fortalece a abordagem de Vygotsky, que declara que cada grupo de indivíduos apresenta seu próprio meio de comunicação e a linguagem é um elemento evidente nesse processo. Este pensamento ressalta que ela é utilizada como uma ferramenta crucial para todos os seres humanos, incluindo os surdos.

Convém salientar que através da linguagem, não se dá apenas a possibilidade de adquirir os conteúdos presentes na sociedade, mas também estabelecem-se conexões sociais, permitindo a assimilação de cultura e a participação ativa do sujeito na esfera social. Baseado neste pensamento, Strobel (2009, p.19) declara que:

Um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, ela sempre se modifica e se atualiza, não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Diante do exposto, o sujeito surdo, assim como qualquer outro ser humano, se apropria de sua cultura por meio dos contextos sociais em que está inserido. Desse modo, é crucial compreender que é por meio da linguagem, considerada como meio de comunicação e ferramenta essencial, que ocorre a internalização da cultura e, nesse caso, o desenvolvimento da identidade do sujeito é crucial. No entanto, um impasse surge para o povo surdo, uma vez que sua língua é a Libras e nem todos no ambiente social tem proficiência nessa língua, isso nos leva a refletir sobre a criança surda no âmbito da Educação Infantil.

Para tal, Lacerda & Lodi (2013, p. 186) declaram que: “[...] Espera-se que o surdo aprenda praticamente com os mesmos métodos usados para ouvintes.” Isto posto, notamos que essa fala evidencia uma barreira na educação “inclusiva”, uma vez que por meio do artigo 205 da constituição de 88: “A educação, direito de todos [...]” e artigo 206 inciso VII: “ VII - garantia de padrão de qualidade.” Sendo assim se deve ser direito de todos, inclui-se o povo surdo também, bem como que esta educação seja de qualidade, portanto faz-se necessário, a presença da Libras para sua comunicação e aprendizado eficaz, uma vez que a abordagem convencional pode não ser adequada para o sujeito surdo.

Nesse caminho, adentramos na discussão sobre a Educação Bilíngue para Surdos, nos baseando inicialmente em Quadros (1997) que aponta a importância da língua materna do surdo no processo de sua educação, ou seja, a utilização da Libras como meio essencial de comunicação e instrução para o sujeito surdo no processo educativo. Na educação bilíngue, é reconhecida a singularidade linguística e cultural do povo surdo, a partir da aceitação da Libras como primeira língua e da Língua Portuguesa como segunda língua do surdo, dessa forma, com esse modelo de educação a aprendizagem torna-se mais significativa para o sujeito inserido na mesma. Demonstra-se diante de estudos relacionados à educação de surdos, que a Libras não apenas proporciona maior promoção dos aprendizados pedagógicos, mas colabora com o fortalecimento e senso de pertencimento e a construção de identidade cultural das pessoas surdas.

Por fim, é necessário considerar a importância da Libras como a língua natural do povo surdo e garantir que a mesma esteja presente no contexto escolar/ educacional. É indispensável garantir que esses ambientes estejam preparados para promover uma educação

verdadeiramente de qualidade e mais inclusiva, possibilitando também a aquisição de sua língua, mas também a apropriação e conexão com a cultura e a formação de uma identidade surda real, sem ter limitações que possam surgir quando essa comunicação é comprometida.

Para esse propósito, a pesquisa qualitativa de cunho exploratório será utilizada como ferramenta primordial para compreender melhor os complexos temas que envolvem a educação de forma geral para o sujeito surdo, principalmente em sua educação infantil. Esta investigação se fundamenta na vasta literatura produzida por renomados autores da área que abordam questões cruciais relacionadas a aquisição da linguagem, formação de cultura e identidade diante dos contextos escolares. Para além disso, a pesquisa se apoiará em relatos de experiências de pessoas surdas publicados em livros e compartilhados digitalmente em redes sociais, o que proporcionará um alicerce enriquecedor para a nossa análise.

Nesse sentido, o estudo proposto visa contribuir com a compreensão sobre a educação bilíngue para os surdos na educação infantil e assim fortalecer questões relacionadas à aquisição de língua, Libras como meio de comunicação desse sujeito e, além disso, corrobora para sua formação cultural e identitária no contexto apresentado.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza exploratória e se apropria da abordagem qualitativa para alcançar o objetivo proposto. Sendo assim, a pesquisa inicial resultou na fundamentação teórica apresentada e embasada em autores especializados na área de educação bilíngue para o surdo, formação da cultura e identidade do povo surdo, como também na observação das legislações em vigor e fundamentos da educação infantil, para então abordarmos e construirmos uma visão da educação infantil na perspectiva sociocultural. Utiliza-se, portanto, os relatos de experiências pessoais publicadas por meio da internet em redes sociais com acesso público contendo relatos de aquisição da Libras em crianças surdas e relatos de vida de alguns surdos presentes nos livros utilizados como referência, conforme já mencionado.

A partir da análise desses materiais e das vivências apresentadas neles, procura-se explicitar de forma sensata a importância da educação bilíngue desde a educação infantil até a formação do surdo como ser humano. Para tanto, faremos uma correlação com as leituras empreendidas e realizaremos reflexões acerca da melhoria na qualidade da educação baseada

nos direitos igualitários de acesso, permanência e sua significação no processo de inserção da criança na sociedade.

Para tal, destaca-se a necessidade de considerar a interação da comunidade surda com a sociedade em geral a fim de identificar os sinais de desenvolvimento pedagógico e social. Ademais, pretende-se observar os possíveis efeitos causados pela falta desse acesso na vida do surdo. Para tanto, faremos reflexões que consideram a forma como a abordagem Sociocultural Vygotskiana contribui para a formação de tais sujeitos, considerando uma educação apropriada para o povo surdo e, logo, evidenciando a importância do acesso desse sujeito à educação bilíngue.

3.1 Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados ocorreu de duas formas: por meio das leituras realizadas, onde foi feito um levantamento das experiências vivenciadas pela comunidade surda quando crianças nos relatos presentes nas produções dos autores surdos e mediante materiais virtuais disponíveis em duas redes sociais especificamente, nelas os surdos relatam como são suas vivências educacionais e o seu cotidiano em sociedade.

3.2 Instrumentos e procedimentos para a análise de dados

Com base na pesquisa e leituras praticadas, temos como objeto de análise os discursos surdos encontrados nos livros e vídeos dos (as) autores (as), cujo conteúdo será analisado para, assim, refletirmos sobre os temas propostos para discussão e as relações entre os autores, podendo se apontar hipóteses em relação a causa efeito na educação do povo surdo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de contextualizar melhor o cenário em que as análises serão discutidas, apresentaremos a trajetória legal que ampara os direitos das pessoas com deficiência, com um pequeno recorte nos direitos das pessoas surdas. Começamos pela Constituição Federal de 1988, especificamente no artigo 205, que expõe sobre a educação como um direito de todos, portanto, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho, deste modo, inclui-se também os estudantes surdos. Além disso,

no artigo 206, inciso I, estabelece-se a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino como dever do Estado, e no inciso VII do artigo 208 a “garantia de padrão de qualidade”, sendo assim compreendemos que é direito de qualquer estudante matriculado, incluindo educandos surdos, ter acesso a educação sem nenhuma discriminação e preconceito, proporcionando a sua permanência e alcance a uma educação de qualidade.

Mediante esses apontamentos, levantam-se as seguintes questões: será que atualmente as práticas educativas apresentadas nos ambientes escolares colaboram para a existência de uma educação de qualidade para os estudantes surdos? Será que está sendo implantada a garantia da permanência dos mesmos? Nesse caminho, a LDB 9.394/96 diz que os sistemas de ensino assegurarão professores com especialização adequada em nível médio ou superior aos educandos com necessidades especiais para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Segundo a Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

Ou seja, a criança com necessidades especiais deve ter acesso à educação e cabe à escola, como unidade de ensino, a garantia desse acesso e a sua permanência nesse ambiente. Dessa forma, acredita-se que, dentre os recursos necessários para alcançar uma educação de qualidade para o surdo, podemos pontuar a importância do intérprete de Libras, o comprometimento dos educadores no convívio da criança surda e pensar na relação estabelecida com sua formação e atuação.

Em 2003, o Ministério da Educação criou o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, visando transformar os sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, que promovem um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, a organização do atendimento educacional especializado e a promoção da acessibilidade. Impulsionando a inclusão educacional e social, o Decreto nº 5.296/04 regulamentou as Leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, em que estabeleceu-se normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Nesse contexto, o Programa Brasil Acessível é implementado com o objetivo de promover e apoiar o desenvolvimento de ações que garantam a acessibilidade, no caso de uma criança surda no ambiente escolar, o ambiente ser acessível em sua língua materna, a Libras. Por fim, a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/05, visando a inclusão dos estudantes surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação do professor regente, estabelece a função de instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos e a organização da educação bilíngüe no ensino regular. No entanto, mesmo diante de uma legislação ampla que assegura os direitos dos estudantes surdos, as escolas ainda não dispõem de profissionais bilíngües, nem estrutura pedagógica com recursos adequados e estratégias visuais para lidar com o público alvo.

Acerca da garantia de uma educação de qualidade, nos parágrafos anteriores introduzimos a discussão sobre a Educação Bilíngüe para surdos e sua importância, educação da qual o estudante surdo irá receber todas as informações escolares por meio da sua língua materna, que no caso do Brasil é a Libras, mas, para que isso se concretize é necessário que toda a equipe escolar tenha esse conhecimento e garanta a comunicação. A escola bilíngüe para os surdos é uma luta constante dentro da comunidade surda brasileira, pois parte-se da ideia de que é uma escola que proporcionará um ambiente em que o surdo terá sua língua materna priorizada no ensino e como meio de comunicação.

Dessa maneira, haverá a garantia de que os conteúdos escolares serão compreendidos, como também que diversos aprendizados ocorreram no decorrer do ensino dentro dos ambientes escolares efetivamente, exemplifico a presença do sentimento de pertencimento diante do local que o sujeito convive, a possibilidade de apropriação de sua cultura e se identificando como sujeito diante da sociedade. A comunidade surda tem lutado por uma educação bilíngüe para seu povo, uma vez que sem essa metodologia de ensino não há a garantia de uma educação de qualidade, pois com ela, professores irão transmitir os conteúdos escolares por meio da língua de sinais, possibilitando que todas as informações cheguem aos estudantes surdos sem perdas de conteúdo, isso é aplicado não somente em sala de aula mas em todos os espaços dentro da escola, considerando que o ambiente escolar é um local de ensino constante.

No tocante a educação não bilíngüe oferecida ao estudante surdo, podemos pontuar a existência de uma possível perda de conteúdos e informações no decorrer de uma aula, o que resulta em uma defasagem escolar, pois como declara QUADROS (1997, p.23): “É comum terem surdos com muitos anos de vida escolar nas séries iniciais sem uma produção escrita

compatível com a série.” Desse modo, percebemos essa ocorrência até os dias atuais, visto que muitos educandos surdos chegam à idade adulta semianalfabetos mesmo passando por todos os anos escolares.

No que se diz respeito a educação infantil, a qual desempenha papel fundamental na construção das bases cognitivas, emocionais e sociais, as crianças surdas possuem características específicas que devem ser consideradas no contexto educacional como a aquisição de sua língua, apropriação de cultura e identidade diante do mundo social possibilitando uma participação ativa nesse meio. Diante disso, Vygotsky (1934) pontua que é por meio da interação humana que surge a necessidade da utilização de signos, ou seja, a linguagem e seus meios de comunicação, portanto, a linguagem permite a expressão de visões e leituras de mundo, proporcionando uma papel ativo dentro da sociedade.

Na visão do autor, a aquisição tanto da língua como da cultura ocorre de acordo com o ambiente que o sujeito está inserido, possibilitando que a criança se aproprie de ações já consolidadas em suas vivências sociais, visto que suas ações e as informações recebidas possibilita sua constituição, que ocorre de acordo com a interação humana e social proporcionada para a mesma. O autor destaca também a importância da linguagem durante o desenvolvimento cognitivo, afirmando que ela é ferramenta crucial para que aconteça a interação humana, já que permite o exercício da expressão de pensamento, processo importantíssimo na fase educação infantil.

Com relação a tais preceitos, as interações do sujeito irão se desenvolver conforme o contexto em que está incluído, entretanto, para o povo surdo, estar incluído no meio social torna-se um desafio constante, dado que há uma barreira na comunicação entre o sujeito surdo e a sociedade ouvinte, o que impossibilita uma interação efetiva com os demais sujeitos. Sendo assim, nota-se que o acesso à uma educação bilíngue para os surdos, principalmente na educação infantil, é de extrema importância, considerando que comunicação é a ferramenta fundamental para oportunizar a aquisição de sua língua e cultura, o proporciona o processo de identidade do sujeito. Ao falar sobre as vivências da criança na educação infantil, Vygotsky (1989) expõe que: "As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade."

Considerando que nas creches e pré-escolas há a valorização da interação entre as crianças e realizam-se atividades e brincadeiras que possibilitam o compartilhamento de culturas entre si, confirmamos essa questão a partir da fala de Strobel (2009, p. 19) que diz: "(...) A cultura não vem pronta, ela sempre se modifica e se atualiza, não surge com o homem

sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.” Assim, antes mesmo de serem produzidas por outras culturas, as crianças são produtoras de sua própria cultura e têm a independência de interpretação do mundo em que se vive. Ou seja, cada criança possui em si uma autonomia cultural e através do brincar as crianças são capazes de fazer e refazer o compartilhamento de culturas, por isso o brincar e o incentivo da criatividade/imaginação é essencial e possibilita esse compartilhamento entre as mesmas.

Partindo assim da concepção de que é por meio da comunicação e interação que se é proporcionado acesso às brincadeiras e que, com isso atinge-se interações e apropriação cultural e considerando que o meio de comunicação legal para os surdos é a Libras, é fundamental que as essas vivências sejam ofertadas através de sua língua materna. Com isso, haverá vivências significativas que oportunizarão a construção e compartilhamento de culturas, por esse motivo é importante que o ambiente escolar esteja preparado para garantir esse aprendizado. Reforçamos esse debate com o pensamento da mesma autora, Strobel (2009, p.19): “Da mesma forma, um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados.” À vista disso, entende-se que se houver um ambiente onde o surdo tenha sua língua materna como prioridade de ensino, isso possibilitará o sentimento de pertencimento real para o mesmo, sendo um fator importante que permitirá trocas sociais e culturais.

Deste modo, podemos declarar que de forma efetiva a inclusão social assegura uma educação básica eficaz para o surdo e que se a criança surda estiver em um ambiente habilitado, ocorrerá realmente a sua inclusão social. Outra questão é que na maioria das vezes essa criança nasce em uma família de ouvintes e vive em um mundo constituído por eles, sem referências representativas de pessoas surdas. A educação bilíngue, além de possibilitar para a criança surda condições educacionais igualitárias em relação à criança ouvinte, proporciona maior contato entre os surdos desmistificando a ideologia de que ele é o ser único diferenciado da sociedade, pois de acordo com Strobel (2009, p. 40) :

“ [...] a criança surda sabe que ela é diferente das outras pessoas que ouvem, ela dirige seu “olhar” ao seu redor na vida cotidiana, ela vê que tem vizinhos ouvintes, crianças ouvintes [...] pessoas da família ouvinte, até os bichos são ouvintes e ela própria é diferente. E como ela nunca viu um adulto surdo a quem possa ter um vínculo identificatório, ela pode chegar a conclusão de que vai morrer, já que não existem adultos surdos.”

Com estas concepções, notamos que a referência surda para a criança surda é substancial durante o processo de construção da sua identidade, diante disso, consideramos

que a infância é o processo de conhecimento do mundo, cheio de curiosidades e dúvidas que surgem ao decorrer do dia-a-dia, tornando a vida da criança surda sem informações e mais cheias de questionamentos dentro de si.

A partir do exposto, convém notar as vivências de Fiorella e Florence, duas crianças surdas filhas de pais surdos, ou seja, ambas vivem em um contexto que desde o seu nascimento a comunicação é por sua língua materna, a Libras, e convivem com grandes representatividades surdas tanto crianças, como seus pais e colegas.

No canal da plataforma Youtube, os pais de Fiorella e Florence, Francine e Fábio, compartilham momentos de seu cotidiano, como passeios, conversas e estratégias que utilizam para constituir a cultura surda em suas filhas. Apresenta-se como reflexão o primeiro vídeo nomeado “Eu e mamãe estamos conversando” e no qual encontra-se Fiorella, com 2 anos e 1 mês, sentada no colo de sua mãe e de frente pra ela. Fiorella está toda pintada com tinta de várias cores, a mãe a chama para conversar e dialogar sobre as cores e os locais do corpo que se encontram limpos. No início do diálogo já percebemos que a criança tem grande domínio de sua língua materna, conversa de forma contextualizada, possui expressões faciais e corporais marcantes e compreende o assunto proposto pela mãe.

Outro vídeo que instiga nossa atenção e contribui para o debate é o vídeo intitulado “25 meses: conversei com a minha mãe sobre picadas de mosquito e manchas na perna”, nele, como o próprio nome já adianta um pouco do assunto. Todavia, foram abordados os locais do corpo picados e no decorrer da conversa, mencionados nomes de familiares e dos gatos de estimação da família e dos quais Fiorella realiza a datilologia no alfabeto manual. O que chama atenção nesse fato é que a datilologia se aproxima da soletração das letras que compõem o nome. Ainda no mesmo vídeo, são mencionados fatos acontecidos em dias anteriores, proporcionando o exercício do diálogo, reforçando a memória e criando laços familiares a partir do sentimento de pertencimento. Esse último é confirmado ao final do vídeo quando a mãe sinaliza “eu amo você” e a criança se joga aos braços da mãe, demonstrando compreensão do significado do sinal/expressão.

No terceiro vídeo selecionado, cujo título é “Descobriu nome mamãe”, nele Fiorella, agora com 4 anos, se apresenta com seu nome no alfabeto manual da Libras “F-I-O-R-E-L-L-A” e apresenta seu sinal na comunidade surda, em seguida responde qual sua idade quando questionada pela mãe. Logo depois a criança surda pergunta o nome da mãe que responde utilizando o alfabeto manual “F-R-A-N-C-I-E-L-L-E”; a mesma se surpreende ao saber que o nome de sua mãe não é “mamãe” e sim “Francielle”. Atentamos para o fato de uma criança de 4 anos “ler e escrever” visualmente através da datilologia do alfabeto manual

comparando ao mesmo período que uma criança ouvinte identificaria a soletração do seu nome/palavras e percebemos que a expressão do rosto de Fiorella muda ao ver que não estava sendo soletrando “mamãe”, com base no exposto, no que tange o conhecimento das “letras” em Libras e ao realizar leituras de algumas palavras.

O canal do Youtube, de onde foram retirados os exemplos anteriores, apresenta diversos vídeos interessantes que abordam a temática deste trabalho. Assim como vídeos que enriquecem o debate sobre a identidade surda, conforme demonstrado no vídeo “28 de abril de 2022”, no qual Fiorella comemora com sua família 7 anos no mundo surdo com a data da descoberta de ela ser surda. Nele a criança e a mãe conversam sobre como é ter orgulho de ser surda e quais os motivos para tal e Fiorella pontua que o motivo é: “Porque tenho família surda e sinalizo em Libras”. Tomando essas asserções, reforça-se a notoriedade da demanda de referências surdas no convívio de crianças surdas a fim de promover maior identificação cultural e sentimento de representatividade, diminuindo o surgimento de várias dúvidas e proporcionando as trocas entre si. Assim como forma de evitar possíveis frustrações e sentimentos de exclusão e desconsolo, sentimentos dos quais nenhuma pessoa deveria sentir, principalmente uma criança.

Segundo contextualizações realizadas e a partir das análises dos vídeos, a reflexão de Strobel, (2009 p.24) apud Perli (2004, p. 77, 78): “[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito.” fortalece o pensamento de Vygotsky mencionado desde o início do trabalho: que a cultura do sujeito se constituirá de acordo com o meio social que o mesmo está exposto. E não apenas isso, Vygotsky (1983) corrobora dizendo que para que a aquisição de linguagem ocorra de modo natural é necessário abranger o meio de comunicação mais apropriado e utilizado constantemente. Com isso, haverá a compreensão de informações e trocas das mesmas, bem como a formação de pensamentos críticos, considerando que o mesmo autor (1984, p. 09) aponta que “[...] a fala tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores.”

É importante ressaltar também que o autor nos faz refletir sobre a fala egocêntrica, tema que pode ser pensado em relação à criança surda no sentido que pontua o seguinte:

“(1) A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objeto. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão. [...] Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se

não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação.” (VYGOTSKY, 1984, p. 13)

Mediante essa fala, percebemos que Vygotsky conclui seu pensamento afirmando que as soluções alcançadas pelas crianças diante de seus impasses ocorrem com o auxílio da fala, assim como dos olhos e das mãos, no caso de Fiorella, sendo assim, com a percepção da fala e ação. Deste modo, a fala é o que proporciona construção de estratégias para resolver situações de conflitos, o que nos leva a refletir como ocorre este mesmo processo com uma criança surda sem que ela tenha o contato com a sua língua materna, com referências surdas, logo, como seria seu processo de fala egocêntrica. Outra questão a considerar é: De qual modo isso implicaria em sua formação como sujeito diante da sociedade, tendo em vista que este processo é fundamental para a elaboração de estratégias diante de possíveis impasses? Para tanto, ele ainda assinala que:

As crianças, com ajuda da fala, criam maiores possibilidades [...] Usando palavras para criar um plano de ação específico, a criança realiza uma variedade muito maior de atividades [...] procurando e preparando tais estímulos de forma que os tornem úteis para a solução da questão e para o planejamento de ações futuras.” (VYGOTSKY, 1984- P.14)

Notamos assim que a fala egocêntrica é vista por Vygotsky como um estágio intermediário e crucial no desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças, atuando como uma forma de autorregulação e auxiliando na resolução de problemas, como também no planejamento de suas ações. Com o tempo, a fala egocêntrica é internalizada, contribuindo para o amadurecimento das funções cognitivas superiores, sendo que na infância ela acontece apenas como uma prática de treinamento para futuras resoluções de conflitos, tanto os que ocorrem dentro da escola quanto aqueles que acontecem em seu meio social e familiar.

Para exemplificar este conceito, retomaremos o canal “O diário de Fiorella” com o vídeo nomeado: “Florence aceitou aparecer na frente da câmera!” e no qual é apresentada a filha mais nova do casal, Florence, que se encontra aparentemente em uma praça ao ar livre com a mãe e um filhote de cachorro no colo que a mesma quer para ela. Nesse cenário, a mãe explica que o filhote precisa mamar e a criança dá resoluções para esse possível “problema”, apontando que a mesma dará comida e local para ele dormir. A partir do contexto apresentado, podemos inferir que há um pensamento de resolução de conflitos naquele momento e durante o tempo todo no vídeo é notório que a criança compreende o diálogo e o contexto do assunto. Portanto, Florence, assim como Fiorella, se apropria das expressões faciais e corporais durante todo o diálogo assim como nos demais vídeos apresentados como material de análise neste trabalho.

Partimos agora para um contexto diferente onde serão apresentados relatos de pessoas surdas que não “[...] nasceram no seio aconchegante da Cultura Surda” e não “[...] tiveram aí seus mundos de aperfeiçoamento de acalento, de certeza da existência dessa cultura [...]” segundo as autoras Perlin e Reis (2012, p.29). Evidencia-se isso através de relatos de muitos surdos que nasceram em famílias ouvintes e que se apropriaram da língua de sinais com idade avançada ao considerar o período ideal para aquisição de língua e seu desenvolvimento.

Uma contribuição importante e presente na obra mais referenciada neste trabalho, cujo título é “As imagens do outro sobre a cultura surda” da autora surda Karin Strobel, foram os relatos e situações de sujeitos surdos apresentados em seu livro. As situações expostas aconteceram tanto no período da infância como na fase adulta, onde os surdos passaram por situações conflituosas tanto pela falha na comunicação como pelas diferenças culturais existentes em nossa sociedade. Convém ressaltar um relato impactante e que me inspirou a continuar a presente pesquisa:

Uma vez a empregada doméstica estava lavando o quintal no fundo de casa e eu ficava sentada observando a água suja de lama e sabão correndo até o bueiro. No meio desta sujeita estava um bicho estranho de mais ou menos uns seis centímetros que estava morto. Assustei-me porque o associava com o bicho que vi na televisão noutro dia, jacaré, enorme que comia as pessoas e tive muitas noites de insónias com medo da existência desse bicho no nosso quintal e que viria me pegar e me comer. Só agora eu entendo que não era jacaré e sim simplesmente uma lagartixa. Não havia ninguém que me informasse sobre isso. (STROBEL, 2009, p.40)

O relato apresentado fortalece a relevância da existência da língua de sinais nos ambientes em que as crianças surdas convivem e mostra que muitas famílias ainda são resistentes quanto à adoção de uma língua de sinais dentro de suas casas. Isso acarreta um impasse maior para a vida do sujeito surdo, mas que pode ser sanado quando essa vivência com a língua é proporcionada no ambiente escolar. Para tanto, consideramos que a escola também é a porta de entrada para determinadas experiências a serem desenvolvidas, para sanar dúvidas inquietantes de muitas crianças surdas e, proporcionando assim, “noites mais tranquilas” para crianças surdas como exemplificado acima.

Avançando na discussão, apresento o relato de Caio Bachetta realizado em forma de vídeo publicado em uma de suas redes sociais com o tema: “Como foi para Caio, nascer numa família de ouvintes?”. Nele, Caio relata inicialmente que percebeu que todos em sua casa faziam barulho quando falavam, mas ele não conseguia escutar, até o momento que começou utilizar o primeiro aparelho auditivo e veio a descoberta que com aparelho ele

escutava mas sem o aparelho não ouvia nada. A partir dessa descoberta ele questionou sua mãe sobre o motivo, a mesma explicou que ele era surdo e as outras pessoas ouviam, por conta disso ele utilizava o aparelho, mas o mesmo não compreendeu muito bem e se sentiu angustiado ao perceber que era a única pessoa surda. Esse sentimento perdurou até o momento que sua mãe o levou para uma escola inclusiva e assim ele percebeu que tinham outras pessoas iguais a ele, e antes ele pensava que era o único a ser surdo no mundo. Confirma-se, portanto, o que Strobel (2009, p.40) corrobora sobre a ideologia de que o surdo é o ser único diferenciado da sociedade.

Na medida em que Caio apresenta como é a comunicação dentro de sua casa, o mesmo afirma ser o primeiro a aprender a Libras dentro de seu lar e pelo fato de sua família não saber sua língua, ele ficava angustiado e acabava “pirraçando” sua irmã mais nova, provocando-a através da Libras considerando que ela não tinha conhecimento dessa língua. Para além disso, ele também importunava seus vizinhos, quebrava coisas tudo o que via pela frente por conta da família não saber Libras, fato que o deixava muito nervoso e causava choro constante mesmo com a família tentava acalmá-lo. Diante disso, reforçando o exemplo apresentado, menciono para reflexão o que declara Vygotsky (1984, p.12): “Antes de controlar seu próprio comportamento, a criança começa controlar o ambiente com ajuda da fala, isto produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento.”

Por conseguinte, os familiares de Caio decidiram que a melhor maneira de ajudá-lo era aprendendo Libras para estabelecer uma comunicação com ele e auxiliá-lo efetivamente, o que resultou na melhora do seu comportamento e melhorou a comunicação no ambiente familiar. Isto significa que a falta de comunicação o deixava muito estressado e, a partir do momento que aprendeu a Libras e começou a ter uma compreensão melhor de tudo, ele se tornou uma pessoa mais calma e participativa com seus familiares como em brincadeiras com a irmã e conversas com os pais. Caio menciona: “Quando eu ficava doente, eu explicava para minha mãe o que sentia e ela me ajudava, e eu ficava surpreso porque ela entendia tudo”. Ele pontua ainda sobre suas vivências no ambiente escolar e sua relação familiar, que em dias de prova, por exemplo, a irmã explicava os conteúdos e o mesmo compreendia, a comunicação com o pai também foi compreendida através da Libras, o que deixou Caio muito feliz pois todos conseguiam se comunicar com ele.

Fortalecemos essa reflexão com mais uma contribuição importante de Vygotsky (1984, p.15) que diz: “Finalmente é muito importante observar que a fala [...] controla,

também, o comportamento da própria criança. Assim, com a ajuda da fala, as crianças [...] adquirem a capacidade de ser tanto sujeito como objeto de seu próprio comportamento.”

Finalizamos assinalando a importância da família aprender a Libras para auxiliar a pessoa surda, fato que auxilia também no desenvolvimento do surdo e na sua independência. Percebemos em sua fala que é através da comunicação no seio familiar que o sujeito surdo compreende o mundo com clareza, distingue o que é certo do que é errado e conhece os perigos. Fato que contribui para o seu futuro como pessoa, por exemplo, caso ele se encontre sozinho, longe da família o mesmo tenha capacidade de evoluir sozinho. Com relação à criança surda, a notoriedade da família saber a língua de sinais é similar, pois se a família se comunica na mesma língua da criança, ela não se sentirá excluída e isso proporcionará melhor convívio, maiores vínculos e trará felicidade e alegria para criança pelo simples fato dela ser compreendida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado, é interessante refletir sobre os principais achados e destacar as implicações e contribuições que emergiram a partir da nossa investigação, tornando-se notório que, a língua é o meio de comunicação essencial para diversos fins e que não se trata apenas de comunicação, mas também da socialização, apropriação de cultura, exercício de reflexões e resoluções de problemas, desempenhando um grande objetivo para o desenvolvimento do pensamento humano e interações sociais. Para além disso, a língua toma uma função mediadora, visto que desempenha na mente do sujeito um intermédio entre o pensamento e o mundo externo, incorporado de saberes diante das vivências expostas ao mesmo, sendo considerado que a aprendizagem é um exercício social ocorrido diante das interações humanas. Torna-se evidente que a língua para o sujeito surdo é a língua de sinais e que é essencial a existência dela nos ambientes vivenciados pelo Surdo no seu cotidiano, pois é através dela que se tem a essência de ser o que é pois ao se comunicar, compartilhar e adquirir múltiplos conhecimentos, ele se identificará com o mundo ao seu redor.

Convém notar que a educação infantil é uma fase crucial na vida da criança, pois é através dela que ela se desenvolverá em vários aspectos e irá adquirir vários tipos de conhecimentos. É uma etapa importante, principalmente porque trará diversos impactos no futuro da criança diante da sociedade, tendo em vista que é na educação infantil que se desempenha um papel central na promoção do desenvolvimento cognitivo, social e emocional, ao passo que se constrói alicerces para futuros acontecimentos ao longo da vida

do sujeito. Sendo assim, é de suma importância que o ambiente escolar esteja adequado para a criança surda, com a Libras sendo a principal ferramenta de comunicação, no entanto surge a indagação: como é possível para a criança surda adquirir sua língua em uma ambiente de comunicação predominantemente oral auditivo? Como assimilar sua cultura e desenvolver sua identidade quando se depara com uma realidade escolar carente dessa ferramenta essencial para alcançar esses objetivos?

A fim de responder tais perguntas, primeiramente, é essencial que o sujeito surdo esteja cercado de um mundo que oportunize todas as suas experimentações e informações em sua língua materna, a Libras, pois é através dela que suas vivências se tornaram mais significativas, bem como contemplará as adequações de conteúdo independente de quais sejam.

A partir das pesquisas expostas, das análises dos vídeos e dos relatos surdos, percebe-se que a presença de outros sujeitos surdos ao redor da criança surda torna-se inevitável, pois será através disso que será construída a sua identidade e surgirá o sentimento de pertencimento tornando ainda possível a aquisição de sua cultura e maior repertório em diversos aspectos. Nota-se, igualmente, a importância da aplicação do ensino bilíngue para o surdo, podendo considerá-la como a alternativa que irá contemplar melhor a sua necessidade, a sua promoção e a formação desse sujeito.

No que diz respeito à educação bilíngue para surdos, muitos acreditam que seja uma proposta segregativa, tendo em vista a ideologia que de os surdos ficariam separados dos ouvintes. Entretanto, a sua aplicação dependerá de como a escola e ensino será estruturado diante das abordagens pedagógicas que serão adotadas. A escola bilíngue para surdos pode sim ser inclusiva e promover vivências de aprendizado enriquecedoras de forma planejada quando exercida para alcançar objetivos significativos para ambos, surdos e ouvintes. Exemplificando como propostas biculturais e de fato bilíngue, se tivermos as duas línguas vivas nos ambientes escolares e propomos que no mesmo local convivam a cultura de ambos, surdos e ouvintes, considerando que é essencial a presença de adultos ouvintes e surdos para que a proposta se torne válida.

Em função disto, a escola proporciona que a comunidade surda entre em seus ambientes, facilita a inclusão das crianças surdas de fato dentro do local, oferecendo oportunidade para que as mesmas tenham maiores experiências culturais e se apropriem de identidades surdas. Uma escola bilíngue para surdos tem a possibilidade da presença de ouvintes que desejam aprender a língua de sinais e compreender a cultura surda, a presença

do mesmo traz uma forte colaboração para fortalecer a promoção da real inclusão. Desse modo, o ensino bilíngue se for bem elaborado, proporciona de fato a real educação de qualidade e a inclusão dentro do ambiente escolar

Conforme ressaltado durante o trabalho exposto, podemos concluir que é primordial o desenvolvimento da língua e sua comunicação durante a infância, assim como a fala é fundamental para que as crianças interajam diante de suas vivências. É por meio da fala que se comunica e para além disto, que podemos nos expressar, nos organizar, planejar, solucionar impasses, explicar o mundo ao nosso redor e lidar com nossas inquietações, fazendo com que a aquisição da língua na infância seja notória para a promoção de tais preceitos por ter implicações profundas no desenvolvimento da criança.

Por fim, após concluir a discussão e reflexão proposta neste trabalho, os resultados esperados são: a compreensão da sociedade em relação à importância das vivências da criança surda com o povo surdo, principalmente durante sua infância. Assim como, espera-se que, ao proporcionar referência e representatividade, possamos demonstrar claramente que esse processo contribuirá para a aquisição de língua, cultura e identidade. Isso, a partir da referência surda para a criança que auxiliará em seu processo de formação, tanto no aspecto pedagógico quanto na formação de um sujeito ativo na sociedade, a fim de contemplar esse pensamento Lacerda (2013, p.186) afirma:

Se a surdez for compreendida socialmente de outra forma os indivíduos surdos poderão ocupar um lugar na sociedade não ficando marginais a ela ponto busca-se, no caso dos surdos, fazê-los ouvir e falar, mais do que desenvolvê-los enquanto o sujeitos, sejam eles crianças e adolescentes ou adultos sua constituição como sujeito é tornada menos importante que suas habilidades para falar e ouvir o foco está em habilidades que devem ser adquiridas mesmo quando se alega que a meta é o desenvolvimento da pessoa em todas as suas potencialidades.

Para finalizar, aponta-se ainda que o termo “linguagem” utilizado pelos autores no decorrer do trabalho, não se refere apenas ao meio de comunicação, mas aos modos de se expressar, podemos considerar que as obras escritas são de anos anteriores ao reconhecimento e oficialização da Libras como língua. Diante da luta da comunidade surda da qual se encontra o reconhecimento da Libras como língua através da Lei nº10.436/2002, torna-se notório apontar esses aspectos sobre tais conceitos, reforçando que Libras não é uma linguagem e sim uma língua e que possui características específicas como gramática, regras e estrutura exclusiva para estabelecer uma comunicação efetiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília – DF. Senado Federal. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 out. 2023.

_____, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília – DF: Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 01 out. 2023.

_____, Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília – DF: Diário Oficial da União, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em: 01 out. 2023.

_____, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília – DF: Diário Oficial da União, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 01 out. 2023.

LACERDA, C. B. F. de. **Surdez e linguagem: implicações para as práticas Educacionais**. In: MELETTI, Silvia Marcia Ferreira; KASSAR, Monica de Carvalho Magalhães. (org.). Escolarização de alunos com deficiências: desafios e possibilidades. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, 2013.

_____. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Mediação, Porto Alegre: 2019.

LACERDA, C. B. F. de. & LODI, A. C. B. (org). **Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Mediação, Porto Alegre: 2009.

PERLIN, G, & STUMPF, M. **Um olhar sobre nós surdos, leituras contemporâneas**. CRV, Curitiba: 2012.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. Editora Artmed: Porto Alegre, 1997.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Editora UFSC: Florianópolis, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e pedagogia).

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L., LURIA, A. & LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 2006. (1933)

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. (1934)

Documento Digitalizado Restrito

TCC Ana Laura Camilo Carriel Leite

Assunto: TCC Ana Laura Camilo Carriel Leite

Assinado por: Andrezza Moretti

Tipo do Documento: Apêndice

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Restrito

Hipótese Legal: Informação Pessoal - dados pessoais e dados pessoais sensíveis (Art. 31 da Lei nº 12.527/2011)

Tipo do Conferência: Documento Digital

Documento assinado eletronicamente por:

- **Andrezza Campos Moretti, COORDENADOR(A) - FUC1 - CPED-SOR**, em 12/12/2023 09:25:52.

Este documento foi armazenado no SUAP em 12/12/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifsp.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1518925

Código de Autenticação: b35d6d10af

